

CONGREGATIO PRO CLERICIS



ADORAÇÃO EUCARÍSTICA PELA SANTIFICAÇÃO
DOS SACERDOTES E MATERNIDADE ESPIRITUAL

CONGREGATIO PRO CLERICIS

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA PELA SANTIFICAÇÃO
DOS SACERDOTES E MATERNIDADE ESPIRITUAL

2007

Responsável pela publicação:
S.E.R. Mons. Mauro Piacenza,
Arcebispo. tit. de Vittoriana,
Secretário da Congregação para o Clero

Congregação para o Clero
Piazza Pio XII, 3 - 00193 Roma
Tel. 06 698 84151 - 06 698 84178
Fax 06 698 84845
www.clerus.org
www.bibliaclerus.org



CONGREGATIO PRO CLERICIS

Carta que a Congregação está enviando para promover a adoração eucarística pela santificação dos sacerdotes e maternidade espiritual:

EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA

são realmente muitas as coisas a serem feitas para o verdadeiro bem do Clero e para a fecundidade do ministério pastoral nas circunstâncias atuais, mas, exatamente por isso, mesmo com o firme propósito de enfrentar essas dificuldades e essas fadigas, cientes de que o agir sucede ao ser e que a alma de cada apostolado é a intimidade com Deus, pretende-se iniciar um movimento espiritual que, favorecendo uma consciência cada vez maior da ligação ontológica entre Eucaristia e Sacerdócio e da especial Maternidade de Maria em relação a todos os Sacerdote, dê vida a uma corrente de adoração perpétua, para a santificação dos clérigos, e a um novo empenho das almas femininas consagradas para que, inspirando-se à tipologia da Beata Virgem Maria, Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote e associada, de modo singular, à sua obra de Redenção, queiram adotar espiritualmente sacerdotes para ajudá-los com a oferta de si, a oração e a penitência. Na adoração, está sempre incluído o ato de reparação pelas próprias faltas e, nas atuais circunstâncias, sugere-se uma particular intenção em tal sentido.

Segundo o dado constante da Tradição, o ministério e a realidade da Igreja não se reduzem à estrutura hierárquica, à liturgia, aos sacramentos e aos ordenamentos jurídicos. De fato a natureza íntima da Igreja e a origem primeira de sua eficácia santificadora, devem ser buscadas na mística união com Cristo.

A doutrina, e a própria estrutura da constituição dogmática *Lumen Gentium*, afirmam que essa união não pode ser imaginada separada da Mãe do Verbo Encarnado, Aquela que Jesus quis intimamente unida a Si para a salvação de todo o gênero humano.

Não é casual, portanto, que no mesmo dia em que era promulgada a constituição dogmática sobre a Igreja – 21 de novembro de 1964 -, Paulo VI proclamasse Maria “Mãe da Igreja”, ou seja, mãe de todos os fiéis e de todos os pastores.

O Concílio Vaticano II – referindo-se à Bem Aventurada Virgem – assim se expressa: “...Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.” (LG n 61).

Sem nada acrescentar ou tirar à única mediação de Cristo, a sempre Virgem é reconhecida e invocada, na Igreja, com títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro e Medianeira; Ela é o modelo do amor materno que deve animar todos os que cooperam, através da missão apostólica da Igreja, na regeneração da inteira humanidade (cfr LG n 65).

À luz destes ensinamentos que são parte da eclesiologia do Concílio Vaticano II, os fiéis, dirigindo o olhar para Maria – exemplo fúlgido de toda virtude –, são chamados a imitar a primeira discípula, a mãe, à qual foi confiado, em João – aos pés da cruz (cfr Jo 19, 25-27) –, cada discípulo, e assim, tornando-se seus filhos, aprendem com ela o verdadeiro sentido da vida em Cristo.



Desta forma – e exatamente a partir do lugar ocupado pela Virgem Santíssima e do papel por Ela desenvolvido na história da salvação - pretende-se, de maneira muito especial, confiar a Maria, a Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, cada Sacerdote, suscitando, na Igreja, *um movimento de oração que coloque no centro a adoração eucarística contínua, no arco de tempo das vinte e quatro horas, de modo que, de cada canto da terra, sempre se eleve a Deus, incessantemente, uma oração de adoração, agradecimento, louvor, pedido e reparação, com o objetivo precípua de suscitar um número suficiente de santas vocações para o estado sacerdotal e, ao mesmo tempo, de acompanhar espiritualmente – na realidade do Corpo Místico - , com uma espécie de maternidade espiritual, todos os que já foram chamados ao*

sacerdócio ministerial e são ontologicamente modelados ao único Sumo e Eterno Sacerdote, para que cada vez melhor sirvam a Ele e aos irmãos, colocando-se não apenas “na” Igreja, mas também “perante” a Igreja, como prolongamento visível e sinal sacramental de Cristo que representam como cabeça, pastor e esposo da Igreja (PdV n 16).

Pede-se portanto a todos os Ordinários diocesanos que percebem, em particular, a especificidade e a insubstituibilidade do ministério ordenado na vida da Igreja, juntamente à urgência de uma ação comum a favor do sacerdócio ministerial, de se tornarem parte ativa e de promover – nas diferentes porções do povo de Deus a eles confiadas -, verdadeiros cenáculos onde clérigos, religiosos e leigos, unidos entre si e em espírito de verdadeira comunhão, se dediquem à oração, sob forma de adoração eucarística contínua, inclusive em espírito de genuína e real reparação e purificação. Para tal fim, inclui-se um fascículo que tem como finalidade fazer compreender melhor a índole da iniciativa, para aderir em espírito de fé ao projeto aqui apresentado.

Maria, Mãe do Único, Eterno e Sumo Sacerdote, abençoe esta iniciativa e interceda, junto a Deus, pedindo uma autêntica renovação da vida sacerdotal a partir do único modelo possível: Jesus Cristo, Bom Pastor!

Presto obséquios cordiais no Vínculo da comunhão eclesial com sentimentos de intenso afeto colegial

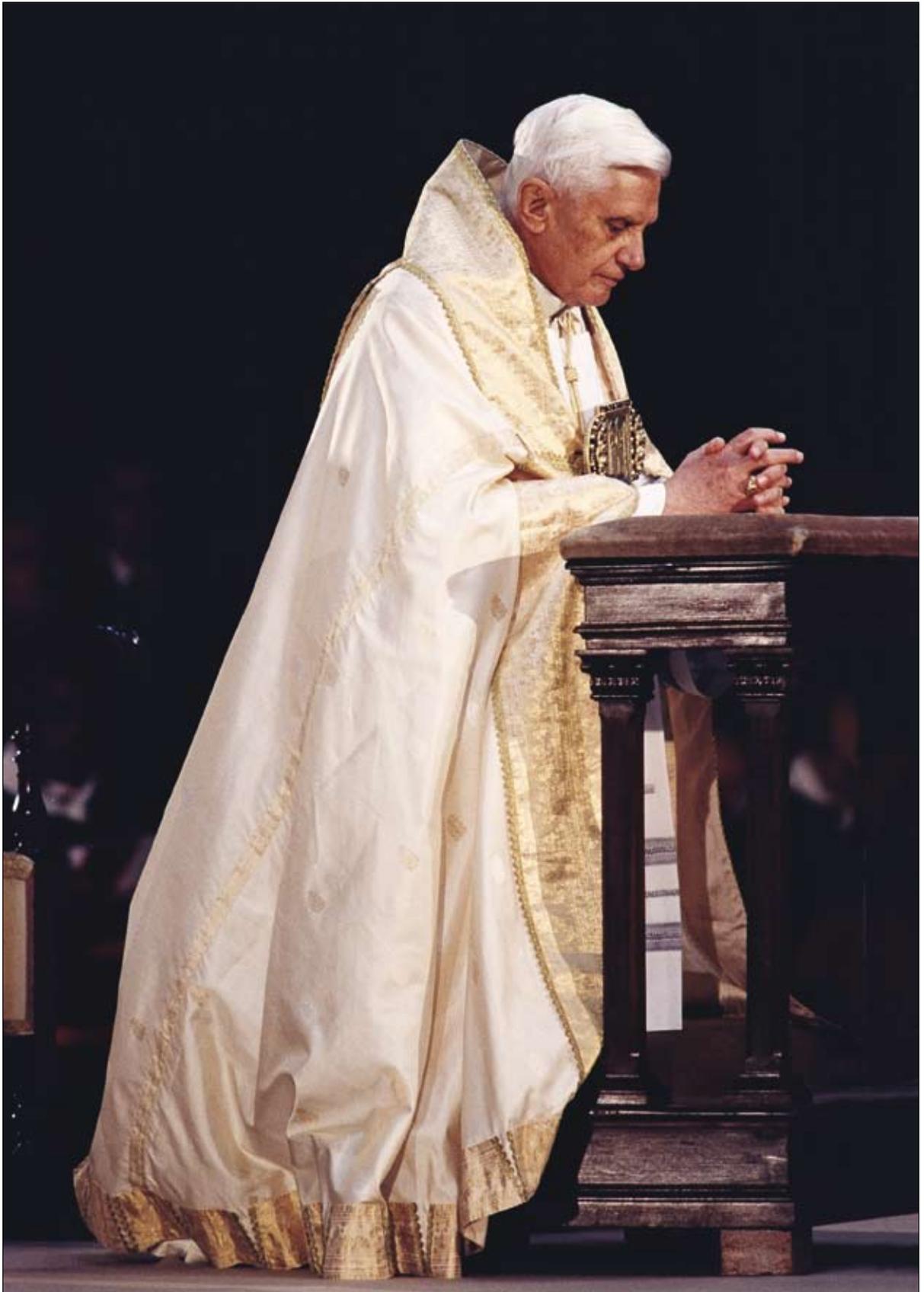


Cláudio Card. Hummes
Prefeito



+ Mauro Piacenza
✠ Mauro Piacenza
Secretario

Do Vaticano, 8 de dezembro de 2007
Solenidade da Imaculada Conceição da B.V. Maria



“ROGAI AO SENHOR DA MESSE PARA QUE ENVIE TRABALHADORES”

“Rogai ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe!”. Isto significa que: a messe existe, mas Deus quer servir-se dos homens, a fim de que ela seja levada ao celeiro. Deus necessita de homens. Necessita de pessoas que digam: Sim, eu estou disposto a me tornar seu trabalhador na messe, estou disposto a ajudar para que esta messe, que está amadurecendo nos corações dos homens, possa realmente entrar nos celeiros da eternidade e se tornar perene comunhão divina de alegria e de amor.

“Rogai ao Senhor da messe”! Isto quer dizer também: não podemos simplesmente “produzir” vocações, elas devem vir de Deus. Não podemos, como talvez noutras profissões, por meio de uma propaganda bem visada, através das chamadas estratégias adequadas, simplesmente recrutar pessoas. A chamada, partindo do coração de Deus, deve sempre encontrar o caminho rumo ao coração do homem. E no entanto, exatamente para que chegue aos corações dos homens, é necessária também a nossa colaboração. Rogar ao senhor da messe significa certamente, antes de mais nada, rezar para isso, sacudir o coração e dizer: “Faça-o por favor! Desperte os homens! Acenda neles o entusiasmo e a alegria pelo Evangelho! Faça-os entender que este é o mais precioso

de todos os tesouros e que quem o descobriu deve transmiti-lo!”

Nós sacudimos o coração de Deus. Mas o rogar a Deus não se realiza somente mediante palavras de oração; implica também na transformação da palavra em ação, para que o nosso coração rogador lance a faísca da alegria em Deus, da alegria pelo Evangelho, e suscite em outros corações a disponibilidade a dizer um “sim”. Como pessoas de oração, repletas da Sua luz, atingimos os outros e, envolvendo-os na nossa oração, fazemos com que entrem na luz da presença de Deus, que fará então a sua parte. Neste sentido queremos sempre e novamente rogar ao Senhor da messe, sacudir seu coração e tocar com Deus, na nossa oração, também os corações dos homens para que Ele, segundo a sua vontade, faça amadurecer neles o “sim”, a disponibilidade e a constância - através de todas as confusões do tempo, através do calor do dia e também através da escuridão da noite - de perseverar fielmente no serviço, haurindo continuamente dele a consciência de que, embora fadigoso, este esforço é bom, é útil porque conduz ao essencial, ou seja, a fazer com que os homens recebam o que esperam: a luz de Deus e o amor de Deus.

BENTO XVI

ENCONTRO COM OS SACERDOTES E OS DIÁCONOS EM FREISING, 14 DE SETEMBRO DE 2006

MATERNIDADE ESPIRITUAL PARA OS SACERDOTES

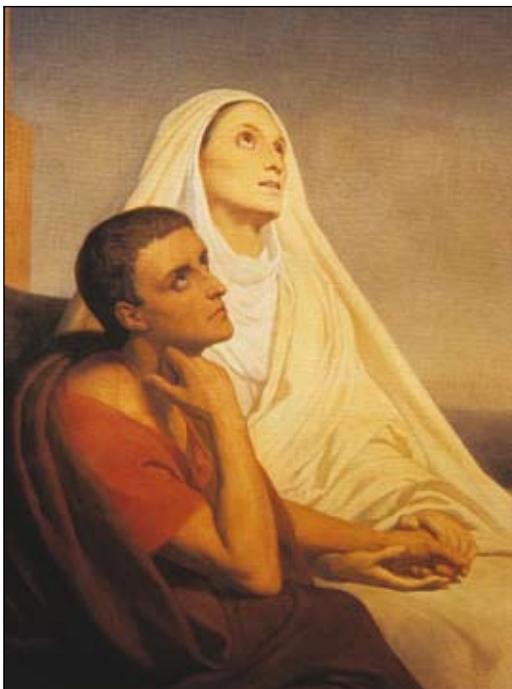
A vocação a ser mãe espiritual para os sacerdotes é muito pouco conhecida, insuficientemente compreendida e portanto pouco vivida, apesar de sua vital e fundamental importância. Essa vocação muitas vezes está escondida, invisível ao olho humano, mas voltada a transmitir vida espiritual.

*Disto tinha certeza Papa João Paulo II:
por isso ele quis no Vaticano um mosteiro de clausura onde fosse possível rezar pelas suas intenções como Sumo Pontífice.*



“O QUE ME TORNEI E COMO, O DEVO Á MINHA MÃE!”.

S. Agostinho



Independentemente da idade e do estado civil, todas as mulheres podem se tornar mãe espiritual para um sacerdote e não somente as mães de família. É possível também para uma mulher doente, para uma moça solteira ou para uma viúva. Em particular isso vale para as missionárias e as religiosas que oferecem inteiramente a própria vida a Deus para a santificação da humanidade. João Paulo II agradeceu até mesmo uma menina pela sua ajuda materna: *“Exprimo a minha gratidão também à beata Jacinta de Fátima pelos sacrifícios e orações oferecidas pelo Santo Padre, que ela tinha visto em grande sofrimento”*. (13 de maio de 2000).

Cada sacerdote é precedido por uma mãe, que amide também é uma mãe de vida espiritual para seus filhos. Giuseppe Sarto, por exemplo, o futuro Papa

Pio X, logo depois de ser consagrado bispo foi visitar sua mãe, na época com setenta anos de idade. Ela beijou respeitosamente o anel do filho e de repente, tornando-se meditativa, indicou seu pobre anel nupcial de prata: *“Sim, Peppo, mas você agora não estaria usando esse anel se eu antes não tivesse usado meu anel nupcial”*. S. Pio X, justamente, confirmava a partir da sua experiência: *“Cada vocação sacerdotal vem do coração de Deus, mas passa através do coração de uma mãe!”*.

Uma ótima prova disto é a vida de S. Mônica. Santo Agostinho, seu filho, que aos dezenove anos como estudante em Cartago havia perdido a fé, escreveu em suas ‘Confissões’:

“... Tu estendeste tua mão do alto e tiraste minha alma destas densas trevas, pois minha mãe, tua fiel, chorava por mim mais de quanto não chorem as mães pela morte física dos filhos ... e no entanto, aquela viúva casta, devota, morigerada, das que são tuas prediletas, já mais animosa graças à esperança, mas nem por isso menos dada ao pranto, não cessava de chorar frente a ti, em todas as horas de oração”. Após a conversão ele disse com gratidão:

“Minha santa mãe, tua serva, nunca me abandonou. Ela me pariu com a carne para essa vida temporal e com o coração para a vida eterna. O que me tornei e como, o devo à minha Mãe!”.

Durante suas discussões filosóficas, Santo Agostinho queria sempre que sua mãe estivesse ao seu lado; ela escutava atentamente, às vezes intervinha com um parecer delicado ou, para assombro dos sábios presentes, dava respostas a questões abertas. Portanto não surpreende que Santo Agostinho se declarasse seu ‘discípulo em filosofia’!

O SONHO DE UM CARDEAL

O cardeal Nicolau Cusano (1401-1464), bispo de Bressanone, não foi somente um grande político da Igreja, famoso legado papal e reformador da vida espiritual do clero e do povo no século XV, mas também um homem do silêncio e da contemplação. Num “sonho” foi-lhe mostrada aquela realidade espiritual que ainda hoje vale para todos os sacerdotes e para todos os homens: o poder do abandono, da oração e do sacrifício das mãos espirituais no segredo dos conventos.

MÃOS E CORAÇÕES QUE SE SACRIFICAM

“... Ao entrar numa igreja pequena e muito antiga, decorada com mosaicos e afrescos dos primeiros séculos, o cardeal teve uma visão imane. Milhares de religiosas rezavam na pequena igreja. Elas eram tão gráceis e recolhidas que havia lugar para todas, apesar da comunidade ser numerosa. As irmãs rezavam e o cardeal nunca tinha visto rezar tão intensamente. Elas não estavam de joelhos, mas firmes em pé, o olhar não longínquo, porém fixo num ponto próximo a ele e no entanto invisível aos seus olhos. Os braços das irmãs estavam abertos e as mãos viradas para o alto, numa posição de oferecimento”.

O incrível desta visão é que as irmãs seguravam em suas pobres e delicadas mãos homens e mulheres, imperadores e reis, cidades e países. Às vezes as mãos apertavam-se ao redor de uma cidade; outras vezes um país, reconhecível pelas bandeiras nacionais, estendia-se sobre uma muralha de braços que o sustentavam. Nestes casos também em volta de cada rogadora expandia-se um halo de si-

lêncio e discrição. A maioria das religiosas, porém sustentava com as mãos um só irmão ou irmã. Nas mãos de uma jovem e frágil monja, quase uma menina, o cardeal Nicolau viu o papa. Percebia-se quanto a carga pesasse sobre ela, mas seu rosto brilhava de felicidade. Sobre as mãos de uma idosa freira estava ele próprio, Nicolau Cusano, bispo de Bressanone e cardeal da Igreja romana. Ele reconheceu claramente a si mesmo com suas rugas e com os defeitos de sua alma e de sua vida. Observava tudo com olhos arregalados e assustados, mas logo ao susto substituiu-se uma indescritível beatitude. O guia, que estava ao seu lado, murmurou-lhe: “*Veja como apesar de seus pecados, são ajudados e suportados os pecadores que não deixaram de amar a Deus!*”. O cardeal perguntou: “*O que acontece então aos que não amam mais?*”. Repentinamente, sempre acompanhado pelo sua guia, encontrou-se na cripta da igreja, onde rezavam outras milhares de freiras.

Enquanto aquelas vistas precedentemente

sustentavam as pessoas com suas mãos, estas na cripta as sustentavam com seus corações. Estavam profundamente envolvidas, pois tratava-se do destino eterno das almas. “Veja, Eminência”, disse o guia: “*assim são suportados aqueles que deixaram de amar. Algumas vezes acontece que se aquecem com o calor dos corações que se consomem por eles, mas nem sempre. Às vezes, na hora da morte, passam das mãos daqueles que ainda os querem salvar para as mãos do Juiz divino, com quem devem justificar-se*

inclusive pelo sacrifício que lhes foi oferecido. Nenhum sacrifício fica sem frutos, mas quem não colhe o fruto que lhe foi oferecido, amadurece o fruto da ruína”. O cardeal fitou as mulheres vítimas voluntárias. Ele sempre soubera de sua existência. Nunca porém havia percebido com tanta clareza o que elas significavam para a Igreja, para o mundo, para os povos e para cada indivíduo; somente agora, confuso, compreendia. Ele curvou-se profundamente perante as mártires do amor.



Desde 550 e por cerca meio milênio, Säben foi a sede episcopal da diocese de Bressanone.

A partir de 1685, portanto há mais de 300 anos, o castelo tornou-se um mosteiro, onde até hoje uma comunidade de Irmãs Beneditinas vive a maternidade espiritual, rezando e consagrando-se a Deus, exatamente como o cardeal Nicolau Cusano vira em seu sonho.

ELIZA VAUGHAN

É uma verdade evangélica que as vocações sacerdotais devem ser pedidas com a oração. Evidencia-o Jesus no evangelho quando diz:

“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe!” (Mt 9,37-38).

Oferece-nos um exemplo muito significativo a inglesa Eliza Vaughan, mãe de família e mulher dotada de espírito sacerdotal, que rezou muito para as vocações.

Eliza provinha de uma família protestante, a dos Rolls, que sucessivamente fundou a indústria automobilística Rolls-Royce, mas quando jovem, durante sua permanência e educação na França, havia ficado muito impressionada pelo exemplar empenho da Igreja católica para com os pobres.

No verão de 1830, após o casamento com o coronel John Francis Vaughan, Eliza, apesar da forte resistência de seus parentes, converteu-se ao catolicismo. Havia tomado essa decisão com convicção e não somente por ter entrado a ser parte de uma famosa família inglesa de tradição católica. Os antepassados Vaughan, durante a perseguição dos católicos ingleses sob o reinado de Elisabeth I (1558-1603), preferiram sofrer a expropriação dos bens e a prisão antes que renunciar à própria fé.

Courtfield, a residência originária da família de seu marido, tornara-se, durante as décadas de terror, um abrigo para os sacerdotes perseguidos, um lugar onde celebrava-se a S. Missa. Desde então haviam passado três séculos, mas nada mudara no espírito católico da família.



Certa do poder da oração silenciosa e fiel, Eliza Vaughan reservava cada dia uma hora de adoração na capela da casa, rezando pelas vocações na sua família.

Tornando-se mãe de seis sacerdotes foi grandemente atendida. Falecida em 1853, Mamãe Vaughan foi enterrada em Courtfield, na propriedade da família que ela tanto amara.

Hoje Courtfield é um centro de exercícios espirituais da diocese de Cardiff.

Com o exemplo da santa vida de Eliza, em 1954 a Capela da Casa foi consagrada pelo bispo como “Santuário de Nossa Senhora das Vocações”, título que foi confirmado no ano 2000.

DOEMOS OS NOSSOS FILHOS A DEUS

Convertida no fundo do coração, cheia de zelo, Eliza propôs ao marido de doar os filhos a Deus. Essa mulher de elevadas virtudes rezava cada dia durante uma hora frente ao Santíssimo Sacramento na Capela da residência de Courtfield, pedindo a Deus uma família numerosa e muitas vocações religiosas entre seus filhos. Foi atendida! Teve 14 filhos e morreu pouco depois do nascimento do último filho em 1853. Dos 13 filhos vivos, entre os quais 8 homens, seis se tornaram sacerdotes: dois em ordens religiosas, um sacerdote diocesano, um bispo, um arcebispo e um cardeal. Das cinco filhas, quatro se tornaram religiosas. Que bênção para a família e quais efeitos para toda a Inglaterra! Todos os filhos da família Vaughan tiveram uma infância feliz, porque na educação sua santa mãe possuía a capacidade de associar de modo natural a vida espiritual e as obrigações religiosas com as diversões e a alegria. Por vontade da mãe faziam parte da vida quotidiana as orações e a S. Missa na capela da casa, bem como a música, o esporte, o teatro amador, a equitação e as brincadeiras. Os

filhos não se entediavam quando a mãe lhes contava as vidas dos santos, que aos poucos se tornaram para eles amigos íntimos. Eliza levava consigo os filhos também nas visitas e nos cuidados aos doentes e aos sofredores das vizinhanças, para que pudessem nestas ocasiões aprender a serem generosos, a fazer sacrifícios, a doar aos pobres suas poupanças e seus brinquedos.

Ela faleceu pouco depois do nascimento do décimo quarto filho, John. Dois meses após a sua morte, o coronel Vaughan, convencido que ela havia sido um dom da Providência, escreveu numa carta: *“Hoje, durante a adoração, agradei o Senhor, por ter podido devolver a Ele minha amada esposa. Abri a Ele o meu coração cheio de gratidão por ter-me doado Eliza como modelo e guia, a ela ainda me liga um vínculo espiritual inseparável. Que maravilhosa consolação e que graça me transmite! Ainda a vejo como sempre a vi frente ao Santíssimo com aquela sua pura e humana gentileza que lhe iluminava o rosto durante a oração”*.

TRABALHAI NAS VINHAS DO SENHOR

As numerosas vocações entre os filhos do casal Vaughan são realmente uma extraordinária herança na história do Reino Unido e uma bênção que provinha principalmente da mãe Eliza. Quando Herbert, o filho mais velho, aos dezesseis anos anunciou aos pais que queria se tornar sacerdote, as reações foram diferentes. A mãe, que havia rezado muito para que isso acontecesse, sorriu e disse:

“Meu filho, eu já sabia há muito tempo”. O pai porém precisou de um pouco de tempo para aceitar o anúncio, pois sobre o filho mais velho, herdeiro da casa, havia colocado muitas esperanças e havia pensado para ele uma brilhante carreira militar. Como teria podido imaginar que Herbert iria se tornar arcebispo de Westminster, fundador de Millhill e sucessivamente cardeal?



Herbert Vaughan tinha dezesseis anos quando no verão, durante um retiro espiritual, resolveu ser sacerdote. Foi ordenado em Roma aos 22 anos de idade e mais tarde tornou-se bispo de Salford na Inglaterra e fundador dos Missionários de Millhill, que hoje atuam no mundo inteiro. Finalmente tornou-se Cardeal e terceiro arcebispo de Westminster. No seu brasão está escrito: “Amare et Servire!”. O seu programa estava enunciado na frase “O amor deve ser a raiz da qual brota todo o meu serviço”.

Mas o pai também logo persuadiu-se e escreveu para um amigo: “*Se Deus quer Herbert para si, pode ter também todos os outros*”. Reginaldo porém casou-se, como Francis Baynham, que herdou a propriedade da família. Deus chamou ainda outros nove filhos dos Vaughan. Roger, o segundo, tornou-se prior dos beneditinos e mais tarde amado arcebispo de Sydney, na Austrália, onde mandou construir a catedral. Kenelm tornou-se cisterciense e mais tarde sacerdote diocesano. José, o quarto filho dos Vaughan, foi beneditino como o irmão Roger e fundador de uma nova abadia.

Bernardo, talvez o mais animado de todos, que amava muito a dança e o esporte, que não perdia uma diversão, tornou-se jesuíta. Conta-se que no dia anterior ao seu ingresso na ordem, tenha tomado parte de um baile e tenha dito a sua parceira: “*Este que estou fazendo com a senhora é meu último baile porque serei jesuíta!*”. Surpresa, a jovem teria exclamado: “*Mas por favor! Logo o senhor, que tanto ama o mundo e dança maravilhosamente bem, quer ser jesuíta?*”. A resposta, mesmo se pode ser interpretada de várias maneiras, é muito bonita: “*Exatamente por isso me entrego a Deus!*”.

John, o mais novo, foi ordenado sacerdote pelo irmão Herbert e sucessivamente tornou-se bispo de Salford na Inglaterra. Das cinco filhas da família, quatro se tornaram religiosas. Gladis entrou na ordem da visitação, Teresa foi irmã da misericórdia, Claire irmã clarissa e Mary priora junto às agostinianas. Margareta também, a quinta filha dos Vaughan, queria ser freira, mas não pôde por causa de sua saúde fraca. Viveu, porém, em casa como consagrada e passou os últimos anos de sua vida num mosteiro.

BEATA MARIA DELUIL MARTINY (1841-1884)

Cerca de 120 anos atrás, em algumas revelações particulares, Jesus começou a confiar às pessoas consagradas nos mosteiros e no mundo o Seu plano para a renovação do sacerdócio. Ele confiou a algumas mães espirituais a chamada ‘obra para os sacerdotes’. Uma das precursoras desta obra é a beata *Maria Deluil Martiny*. Sobre esse seu grande íntimo desejo ela disse “*Oferecer-se pelas almas é belo e grande! Mas oferecer-se pelas almas dos sa-*

cerdotes... é tão belo e grande que seria preciso ter mil vidas e mil corações! ... Daria de bom grado a minha vida para que Cristo pudesse encontrar nos sacerdotes aquilo que deles se espera! A daria de bom grado mesmo se um só pudesse realizar perfeitamente o plano divino nele!”. De fato, aos 43 anos, ela selou com o martírio a sua maternidade espiritual. As suas últimas palavras foram: “*É para a obra, a obra para os sacerdotes!”*”.

VENERÁVEL LOUISE MARGUERITE CLARET DE LA TOUCHE (1868-1915)

Jesus também preparou por longos anos a Serva de Deus *Louise Marguerite Claret de la Touche* ao apostolado para a renovação do sacerdócio. Ela contou que aos 5 de junho de 1902, durante uma adoração, aparecera-lhe o Senhor.

“*Eu o havia rogado para o nosso pequeno noviciado e havia suplicado que me desse algumas almas que eu pudesse plasmar para Ele. Ele respondeu-me: ‘Dar-te-ei almas de homens’. Fiquei em silêncio pois não compreendi suas palavras. Jesus acrescentou: ‘Dar-te-ei almas de sacerdotes. Ainda mais surpreendida por estas palavras, perguntei: ‘Meu Jesus, como o farás?’.* Ele então me expôs a obra que estava preparando e que devia aquecer o mundo com o amor. Jesus continuou a explicar o seu plano e portanto quis dirigir-se aos sacerdotes: ‘*Como 1900 anos atrás eu pude renovar o mundo com doze homens – eles eram sacerdotes – hoje também eu poderia renovar o mundo com doze sacerdotes, mas deverão ser sacerdotes santos.*” O Senhor mostrou então para Louise Marguerite a obra em sua concreta. “*É uma união de sacerdo-*

tes, uma obra que abrange o mundo inteiro”, ela escreveu. “*Se o sacerdote quer realizar a sua missão e proclamar a misericórdia de Deus, deveria em primeiro lugar, ele mesmo ser invadido pelo Coração de Jesus e deveria*



ser iluminado pelo amor de Seu Espírito. Os sacerdotes deveriam cultivar a união entre si, ser um coração e uma alma e nunca ser obstáculo uns para os outros””.

Louise Marguerite descreveu com fórmulas tão felizes o sacerdócio em seu livro “O Coração de Jesus e o sacerdócio”, que alguns sacerdotes acreditaram ser a obra de um coirmão. Um jesuíta declarou: “*Não sei quem escreveu o livro, mas uma coisa sei com certeza, não é obra de uma mulher!”*”.

LU MONFERRATO

Vamos, agora, ao pequeno vilarejo de Lu na Itália do norte, uma localidade com poucos milhares de habitantes, situado numa região rural a 90 km a oeste de Turim. Este pequeno vilarejo teria ficado desconhecido se em 1881 algumas mães de família não tivessem tomado uma decisão que iria ter “grandes repercussões”.

Muitas dessas mães tinham no coração o desejo de ver um de seus filhos tornar-se sacerdote ou uma de suas filha entregar-se totalmente ao serviço do Senhor. Começaram

então a reunir-se todas as terças-feiras para a adoração do Santíssimo Sacramento, sob a guia de seu pároco, Monsenhor Alessandro Canora, e a rezar para as vocações. Todos os primeiros domingos do mês recebiam a Comunhão com essa intenção. Após a Missa todas as mães rezavam juntas para pedir vocações sacerdotais. Graças à oração cheia de confiança destas mães e a abertura de coração destes pais, as famílias viviam num clima de paz, de serenidade e de alegre devoção que permitiu aos filhos discernir com maior facilidade suas chamadas.



Esta fotografia é única na história da Igreja Católica. De 1 a 4 de setembro de 1946 boa parte dos 323 sacerdotes, religiosos e religiosas provenientes de Lu se encontraram em seu vilarejo. Este encontro teve repercussão no mundo inteiro.

Quando o Senhor disse: *“Muitos são os chamados, mas poucos os eleitos”* (Mt 22,14), devemos entendê-lo desta maneira: muitos serão chamados, mas poucos responderão. Ninguém podia pensar que o Senhor teria atendido tão amplamente o pedido destas mães. Deste vilarejo emergiram 323 vocações à vida consagrada (trezentas e vinte três !): 152 sacerdotes (e religiosos) e 171 religiosas pertencentes a 41 diferentes congregações. Em algumas famílias houve até três ou quatro vocações. O exemplo mais conhecido é o da família Rinaldi. O Senhor chamou sete filhos desta família. Duas filhas entraram para as irmãs Salesianas e, enviadas a Santo Domingo, tornaram-se pioneiras e missionárias corajosas. Entre os homens, cinco tornaram-se sacerdotes Salesianos. O mais conhecido dos cinco irmãos, Filippo Rinaldi, foi o terceiro sucessor de Dom Bosco, beatificado por João Paulo II aos 29 de abril de 1990. De fato, muitos jovens entraram para os salesianos. Não foi por acaso, visto que Dom Bosco durante sua vida visitou quatro vezes

Lu. O santo participou da primeira Missa de Filippo Rinaldi, seu filho espiritual, na sua cidade de origem. Filippo gostava muito de lembrar a fé das famílias de Lu: *“Uma fé que fazia dizer aos nossos pais: O Senhor nos doou filhos e se Ele os chama nós certamente não podemos dizer não!”*. Luigi Borghina e Pietro Rota viveram a espiritualidade de Dom Bosco de maneira tão fiel que foram chamados um “o Dom Bosco do Brasil” e o outro “o Dom Bosco da Valtellina”. Monsenhor Evasio Colli, arcebispo de Parma, também vinha de Lu (Alessandria). Dele disse João XXIII: *“Ele é que devia ser papa, não eu. Tinha tudo para ser um grande papa”*.

A cada 10 anos, todos os religiosos e os sacerdotes ainda vivos se reuniam em Lu, vindos de todas as partes do mundo. Dom Mario Meda, durante muitos anos pároco da cidade, contou como esse encontro na realidade era uma grande festa, uma festa de agradecimento a Deus por ter feito grandes coisas em Lu.

A oração que as mães de família rezavam em Lu era breve, simples e profunda:

*“Senhor, fazei que um de meus filhos se torne sacerdote!
Eu mesma quero viver como boa cristã
e quero conduzir meus filhos ao bem para obter a graça
de poder oferecer a Vós, Senhor, um sacerdote santo. Amém”*.



BEATA

ALESSANDRINA DA COSTA

(1904-1955)

Também um exemplo de vida como a de *Alessandrina da Costa*, beatificada aos 25 de abril de 2004, demonstra de maneira impressionante a força transformadora e os efeitos visíveis do sacrifício de uma jovem doente e abandonada. Em 1941 Alessandrina escreveu ao seu pai espiritual, P. Mariano Pinho, que Jesus se havia dirigido a ela com estas palavras: *“Minha filha, em Lisboa vive um sacerdote que corre o risco de se condenar eternamente; ele me ofende de maneira grave. Chama o teu padre espiritual e pede-lhe a autorização para que eu te faça sofrer particularmente, durante a paixão, por aquela alma”*.

Recebida a licença, Alessandrina sofreu muitíssimo. Sentia o peso dos pecados daquele sacerdote, que não queria mais saber de Deus e estava prestes a se danar. A coitada vivia em seu corpo o estado infernal em que se encontrava o sacerdote e suplicava: *“Não, no inferno não! Ofereço-me em holocausto por ele até quando Tu quiseres”*. Ela chegou a ouvir o nome e o sobrenome do sacerdote.

P. Pinho quis então indagar junto ao cardeal de Lisboa para saber se naquele momento algum sacerdote estivesse lhe dando muitos desgostos. O cardeal confirmou com sinceridade que de fato havia um sacerdote que o preocupava; o nome que pronunciou era exatamente o mesmo que Jesus dissera para Alessandrina.

Alguns meses mais tarde foi referido a P. Pinho, por parte de um amigo sacerdote, Padre David Novais, um evento especial. Padre David acabara de dar um curso de exercícios espirituais em Fátima, ao qual também havia participado um senhor muito discreto que todos haviam notado pelo seu comportamento exemplar. Este homem, no último dia dos exercícios, sofreu um ataque de coração; foi chamado um sacerdote e ele pôde confessar-se e receber a Comunhão. Pouco depois falecia, reconciliado com Deus. Descobriu-se que aquele senhor, vestindo roupas leigas, era um sacerdote e era exatamente aquele pelo qual Alessandrina tanto havia lutado.

SERVA DE DEUS CONSOLATA BETRONE

(1903-1946)

Os sacrifícios e as orações de uma mãe espiritual de sacerdote destinam-se em particular aos consagrados que se perderam ou que abandonaram a própria vocação. Jesus, na sua Igreja, chamou para esta vocação inumeráveis mulheres rogadoras, como por exemplo *Irmã Consolata Betrone*, Clarissa Capuchinha de Turim. Jesus lhe disse: *“A tua tarefa na vida é dedicar-te aos teus irmãos. Consolata, tu também serás um bom pastor e irás em busca dos irmãos perdidos para trazê-los de volta a mim”*.

Consolata ofereceu tudo por eles, pelos “seus irmãos” sacerdotes e consagrados que se encontravam em dificuldade espiritual. Na cozinha, durante o trabalho, rezava sem cessar sua oração do coração:

“Jesus, Maria, Vos amo, salvai as almas!”.

Mudou cientemente todo o menor serviço e tarefa em sacrifício. Jesus lhe disse a esse propósito: *“Estas são ações insignificantes, mas como tu as ofereces com grande amor, concedo a elas um valor desmedido e as transformo em graças de conversão que descem sobre os irmãos infelizes”*.

Muitas vezes no convento eram assinalados por telefone ou por carta casos concretos dos quais Consolata carregava o peso no sofrimento. Às vezes sofria durante semanas ou meses pela aridez, pela sensação de inutilidade, de obscuridade, de solidão, de dúvidas e pelos estados pecaminosos dos sacerdotes. Uma vez, durante essas lutas interiores, escreveu ao seu pai espiritual: *“Quanto me custam os irmãos!”*. Jesus, porém, lhe fez uma grande promessa: *“Consolata, não é só um irmão que devolverás a Deus, mas todos. Te prometo, me doarás os irmãos, todos, um após o outro”*. E assim foi! Levou de volta a um sacerdócio rico de graça todos os sacerdotes que lhe haviam sido confiados. Muitos destes casos foram documentados com precisão.





BERTHE PETIT (1870-1943)

Berthe Petit é uma grande mística belga, uma alma de expiação pouco conhecida. Jesus indicou-lhe com clareza o sacerdote pelo qual devia renunciar a seus projetos pessoais e também fez com que o encontrasse.

O 'PREÇO' PARA UM SACERDOTE SANTO

Desde quando era uma moça de quinze anos, Berthe durante cada S. Missa rezava pelo celebrante: “*Meu Jesus, faze com que o teu sacerdote não te cause desgostos!*”. Quando tinha dezessete anos, seus pais perderam todo o patrimônio por causa de uma fidejussória; dia 8 de dezembro de 1888, seu diretor espiritual lhe disse que sua vocação não era o mosteiro, mas ficar em casa e cuidar dos pais. Com pesar a moça aceitou o sacrifício; pediu, porém, a Nossa Senhora que intercedesse para que, no lugar de sua vocação religiosa, Jesus chamasse um sacerdote zeloso e santo. “*Você será atendida!*” lhe garantiu o padre espiritual.

O que ela não podia prever aconteceu 16 dias mais tarde: um jovem advogado de 22 anos, o dr. Louis Decorsant, estava rezando frente a uma estátua de Nossa Senhora das Dores. De repente e inesperadamente, ele teve a certeza de que sua vocação não era casar com a moça que amava e exercer a profissão de tabelião. Compreendeu com clareza que Deus o chamava ao sacerdócio. Essa chamada foi tão clara e insistente que ele não hesitou nem um

instante em abandonar tudo. Após os estudos em Roma, onde havia terminado seu doutorado, foi ordenado sacerdote em 1893. Berthe tinha então 22 anos.

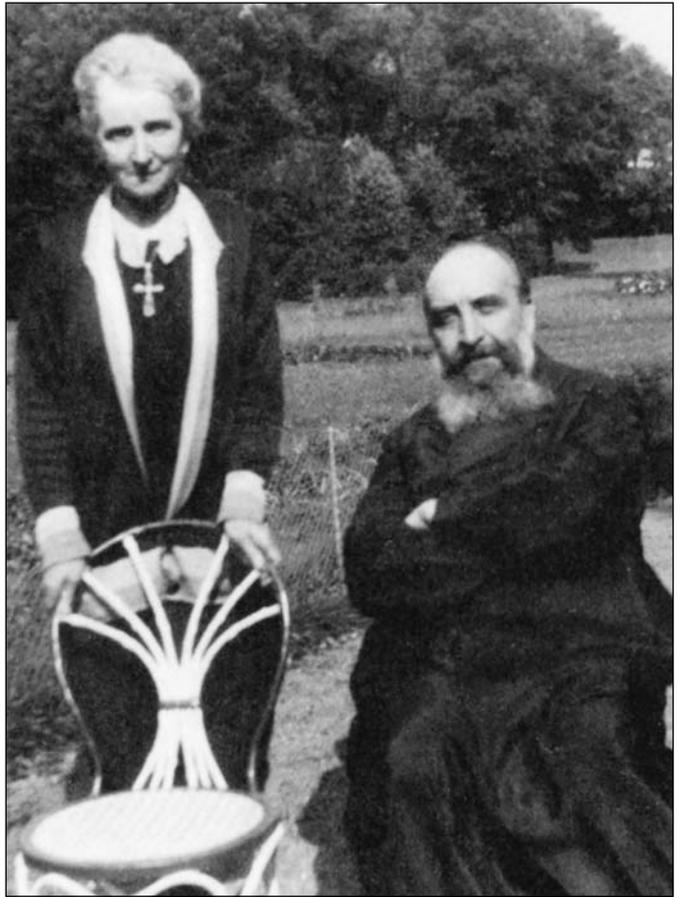
Nesse mesmo ano o jovem sacerdote, com 27 anos, celebrou a S. Missa da meia noite num subúrbio de Paris. Esse fato é importante porque na mesma hora Berthe, assistindo à S. Messa da meia noite em outra paróquia, prometia solenemente ao Senhor: “*Jesus, quero ser um holocausto para os sacerdotes, para todos os sacerdotes, mas de modo especial para o sacerdote da minha vida*”.

Quando foi exposto o Santíssimo, a jovem viu de repente uma grande cruz com Jesus e aos seus pés Maria e João. Ela ouviu as seguintes palavras: “*O teu sacrifício foi aceito, a tua súplica atendida. Eis o teu sacerdote... Um dia o conhecerás*”. Berthe viu que os traços do rosto de João assumiram os de um sacerdote a ela desconhecido. Tratava-se do reverendo Decorsant, mas ela o encontraria somente em 1908, ou seja 15 anos depois, reconhecendo seu rosto.

O ENCONTRO DESEJADO

POR DEUS

Berthe encontrava-se em Lourdes em peregrinação. Aqui Nossa Senhora lhe confirmou: “*Verás o sacerdote que pediste a Deus vinte anos atrás. Está prestes a acontecer*”. Ela estava com uma amiga na estação de Austerlitz em Paris, num trem que ia a Lourdes, quando um sacerdote entrou no vagão onde elas estavam para segurar o lugar para uma doente. Era o reverendo Decorsant. Seus traços eram os que Berthe havia visto no rosto de S. João quinze anos antes, era portanto aquele para o qual havia oferecido tantas preces e tanto sofrimento físico. Após ter trocado algumas palavras gentis, o sacerdote desceu do trem. Exatamente um mês mais tarde, o mesmo reverendo Decorsant fez uma peregrinação a Lourdes para confiar à Nossa Senhora seu futuro de sacerdote. Carregando suas bagagens encontrou novamente Berthe e sua amiga. Reconhecendo as duas mulheres, as convidou para a S. Missa. Enquanto



Padre Decorsant elevava a hóstia, Jesus disse a Berthe no seu íntimo: “*Este é o sacerdote para o qual aceitei teu sacrifício*”. Após a liturgia, ela soube que “o sacerdote de sua vida”, como o teria chamado sucessivamente, estava hospedado na sua mesma pensão.

UMA TAREFA EM COMUM

Berthe revelou ao Padre Decorsant sua vida espiritual e sua missão para a consagração ao Coração Imaculado e Doloroso de Maria. Ele, de sua parte, compreendeu que essa alma preciosa havia-lhe sido confiada por Deus. Aceitou ser transferido para Bélgica e tornou-se para Berthe Petit um santo diretor espiritual e um apoio incansável para a realização de sua

missão. Sendo um excelente teólogo foi um mediador ideal com a hierarquia eclesiástica em Roma.

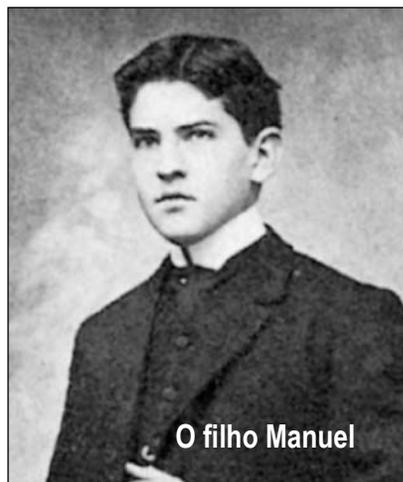
Durante 24 anos, ou seja até sua morte, acompanhou Berthe que, como alma de expiação, muitas vezes estava doente e sofria de modo especial pelos sacerdotes que abandonavam a vocação.

VENERÁVEL CONCHITA DO MÉXICO (1862-1937)

Maria Concepción Cabrera de Armida, Conchita, esposa e mãe de numerosos filhos, é uma das santas modernas que Jesus preparou para uma maternidade espiritual para os sacerdotes. No futuro ela terá grande importância para a Igreja universal.



Conchita, jovem viúva



O filho Manuel

Jesus uma vez explicou para Conchita: *“Existem almas que receberam uma unção através da ordenação sacerdotal. Porém há também almas sacerdotais que têm uma vocação sem ter a dignidade ou a ordenação sacerdotal. Elas se oferecem em união comigo... Essas almas ajudam espiritualmente a Igreja de maneira poderosa. Tu serás mãe de um grande número de filhos espirituais, mas eles custarão ao teu coração como mil martírios. Oferece-te como holocausto, une-te ao meu sacrifício para obter as graças para eles”* ... *“Desejaria voltar a este mundo...nos meus sacerdotes. Desejaria renovar o mundo, revelando-me neles e dar um impulso forte à minha Igreja, derramando o Espírito Santo sobre os meus sacerdotes como numa nova Pentecostes”*.

“A Igreja e o mundo necessitam de uma nova

Pentecostes, uma Pentecostes sacerdotal, interior”.

Quando jovem Conchita rezava com frequência frente ao Santíssimo: *“Senhor, sinto-me incapaz de te amar, portanto quero casar. Doa-me muitos filhos assim que eles possam te amar mais de quanto eu sou capaz.”*. De seu casamento muito feliz nasceram nove filhos, duas mulheres e sete homens. Ela os consagrou todos a Nossa Senhora: *“Entrego-os completamente a ti como se fossem teus filhos. Tu sabes que eu não os sei educar, pouco sei do que significa ser mãe, mas Tu, Tu o sabes”*. Conchita viu morrer quatro de seus filhos e todos tiveram uma morte santa. Conchita foi realmente mãe espiritual para o sacerdócio de um de seus filhos; e sobre ele escreveu: *“Manuel nasceu na mesma hora em que morreu Padre José Camacho. Quan-*

do ouvi a notícia, roguei a Deus que meu filho pudesse substituir este sacerdote no altar. Desde quando o pequeno Manuel começou a falar, rezamos juntos para a grande graça da vocação ao sacerdócio... No dia de sua primeira Comunhão e em todas as festas importantes renovei a súplica... Aos dezessete anos entrou na Companhia de Jesus”.

Em 1906 da Espanha, onde estava, Manuel (nascido em 1889 e terceiro filho por idade) comunicou-lhe sua decisão de se tornar sacerdote e ela lhe escreveu: *“Doa-te ao Senhor com todo o coração sem nunca negar-te! Esquece as criaturas e principalmente esquece a ti mesmo! Não posso imaginar um consagrado que não seja um santo. Não é possível doar-*

se a Deus pela metade. Procura ser generoso com Ele!”.

Em 1914 Conchita encontrou Manuel na Espanha pela última vez, porque ele não voltou nunca mais ao México. Naquela época o filho lhe escreveu: *“Minha querida, pequena mãe, me indicaste o caminho. Tive a sorte, desde pequeno, de ouvir de teus lábios a doutrina salutar e exigente da cruz. Agora queria pô-la em prática”.* A mãe também experimentou a dor da renúncia: *“Levei tua carta frente ao tabernáculo e disse ao Senhor que aceito com toda minha alma esse sacrifício. No dia seguinte coloquei a carta no meu peito enquanto recebia a Santa Comunhão para renovar o sacrifício total”.*

MÃE, ENSINA-ME A SER SACERDOTE

Dia 23 de julho de 1922, uma semana antes da ordenação sacerdotal, Manuel, então com trinta anos de idade, escreve para sua mãe: *“Mãe, ensina-me a ser sacerdote! Fala-me da imensa alegria de poder celebrar a S. Missa. Entrego tudo em tuas mãos, como me protegeste no teu peito quando eu era criança e me ensinaste a pronunciar os belos nomes de Jesus e Maria para introduzir-me nesse mistério. Sinto-me realmente como uma criança que pede preces e sacrifícios... Assim que eu for ordenado sacerdote, te mandarei a minha bênção e depois receberei ajoelhado a tua”.*

Quando Manuel foi ordenado sacerdote, aos 31 de julho de 1922 em Barcelona, Conchita levantou-se para participar espiritualmente da ordenação; devido ao fuso horário no México era noite. Ela comoveu-se profundamente: *“Sou mãe de um sacerdote! ... Posso somente chorar e agradecer! Convido todo o céu a agradecer em meu lugar porque me sinto incapaz pela minha miséria”.* Dez anos mais

tarde escreveu ao filho *“Não consigo imaginar um sacerdote que não seja Jesus, ainda menos quando ele é parte da Companhia de Jesus. Rezo para ti para que tua transformação em Cristo, desde o momento da celebração, se cumpra de modo que tu sejas, dia e noite, Jesus”* (17 de maio de 1932). *“O que faríamos sem a cruz? A vida sem as dores que unem, santificam, purificam e obtêm graças, seria insuportável”* (10 de junho de 1932). P. Manuel morreu aos 66 anos de idade em odor de santidade.

O Senhor fez com que Conchita compreendesse para o seu apostolado: *“Confio-te mais um martírio: tu sofrerás aquilo que os sacerdotes cometem contra mim. Tu viverás e oferecerás pela infidelidade e pelas misérias deles”.* Esta maternidade espiritual para a santificação dos sacerdotes e da Igreja a consumiu completamente. Conchita morreu em 1937 aos 75 anos.

O MEU SACERDÓCIO E UMA DESCONHECIDA

O BARÃO WILHELM EMMANUEL KETTELER (1811-1877)

Todos nós devemos o que somos e a nossa vocação às preces e aos sacrifícios dos outros. No caso do famoso bispo Ketteler, excelente personagem do episcopado alemão do século XIX e figura de destaque entre os fundadores da sociologia católica, a benfeitora foi uma religiosa conversa, a última e a mais pobre freira de seu convento.

Em 1869 estavam juntos o bispo de uma diocese na Alemanha e seu hospede, o bispo Ketteler de Mainz. Durante a conversa o bispo diocesano elogiava as tantas obras benéficas de seu hospede. Mas o bispo Ketteler explicou ao seu interlocutor: *“Tudo o que alcancei com a ajuda de Deus, o devo às preces e ao sacrifício de uma pessoa que não conheço. Posso somente dizer que alguém ofereceu a Deus sua vida em sacrifício para mim e graças a isso tornei-me sacerdote”*. E continuou: *“Antes eu não sentia-me destinado ao sacerdócio. Eu havia prestado alguns exames na faculdade de direito e desejava fazer uma rápida carreira que me permitisse ter um lugar de prestígio no mundo, ser respeitado e ganhar muito dinheiro. Um evento extraordinário porém impediu-me tudo isso e conduziu minha vida em outras direções.*

Uma noite, enquanto eu estava sozinho no meu quarto, abandonei-me aos meus sonhos de ambição e aos planos para o futuro. Não sei o que me aconteceu, não sei se estava acordado ou não. O que eu via era a realidade ou um sonho? Só uma coisa sei com certeza: vi aquilo que sucessivamente provocou a vira-

da da minha vida. Claro e límpido, Cristo estava por encima de mim numa nuvem de luz e mostrava-me seu Sagrado Coração. Frente a Ele estava uma freira ajoelhada com as mãos erguidas em posição de imploração. Da boca de Jesus ouvi as seguintes palavras: ‘Ela reza ininterruptamente por ti!’. Eu via com clareza a figura da irmã, e sua fisionomia me impressionou de maneira tão forte que ainda hoje a tenho frente aos meus olhos. Ela me parecia uma simples conversa. Sua roupa era pobre e rude, suas mãos avermelhadas e calosas pelo trabalho pesado. Qualquer coisa tenha sido, um sonho ou não, para mim foi extraordinário pois fui atingido no íntimo e a partir daquele momento resolvi me consagrar inteiramente a Deus no serviço sacerdotal. Recolhi-me num mosteiro para os exercícios espirituais e conversei sobre tudo isso com meu confessor. Comecei os estudos de teologia aos trinta anos. O resto o senhor já conhece.

Se agora o senhor acredita que algo de bom foi feito com minha intermediação, saiba de quem é o mérito: daquela irmã que rezou por mim, talvez sem sequer me conhecer. Tenho

certeza que por mim se rezou e ainda se reza em segredo e que sem aquela prece eu não poderia alcançar a meta à qual Deus me destinou". "Tem idéia de quem reza pelo senhor

e onde?" perguntou o bispo diocesano. "Não. Posso somente pedir a Deus que a abençoe, se ainda vive, e que lhe devolva mil vezes o que fez por mim".

À IRMÃ DO ESTÁBULO

No dia seguinte o bispo Ketteler foi visitar um convento de freiras na cidade próxima e celebrou para elas a S. Missa na capela. Quando estava prestes a terminar a distribuição da S. Comunhão, já na última fileira, seu olhar deteve-se sobre uma irmã. Seu rosto empalideceu e ele ficou imóvel, mas logo retomou-se e deu a comunhão à freira que não percebera nada e estava devotadamente ajoelhada. Então concluiu serenamente a liturgia.

Para o café da manhã chegou ao convento também o bispo diocesano do dia anterior. O bispo Ketteler pediu à madre superiora que lhe apresentasse todas as irmãs e elas chegaram imediatamente. Os dois bispos se aproximaram e Ketteler as cumprimentava observando-as, mas via-se com clareza que não encontrava o que estava procurando. Em voz baixa dirigiu-se à madre superiora: "Estão todas aqui as irmãs?" Ela olhando o grupo respondeu: "Excelência, mandei chamá-las todas mas de fato falta uma!". "E porque não veio?" A madre respondeu: "Ela cuida do estábulo, e de maneira tão exemplar que às vezes no seu zelo esquece das outras coisas". "Desejo conhecer esta irmã", disse o bispo. Pouco depois a freira chegou. Ele empalideceu e após ter dirigido algumas palavras a todas as freiras pediu para ficar a sós com ela. "Você me conhece?" perguntou. "Excelência, eu nunca o vi!". "Mas você rezou e ofereceu boas obras por mim?" queria saber Kette-

ler. "Não tenho consciência disto, pois não sabia da existência de Vossa Excelência". O bispo ficou alguns instantes imóvel em silêncio, depois continuou com outras perguntas. "Quais devoções ama mais e pratica com maior frequência?" "A veneração ao Sagrado Coração", respondeu a irmã. "Parece que você tem o trabalho mais pesado de todo o convento!" continuou. "Ah não, Excelência! Certamente não posso negar que às vezes me repugna". "Então o que você faz quando é atormentada pela tentação?". "Acostumei-me a enfrentar, por amor a Deus, com zelo e alegria todas as tarefas que me custam muito e depois oferecê-las por uma alma no mundo. Será o bom Deus a escolher a quem dar a Sua graça, eu não quero saber. Também ofereço a hora de adoração da noite, das vinte às vinte e uma horas, para essa intenção". "E como teve a idéia de oferecer tudo isso por uma alma?" "É um costume que eu já tinha quando ainda vivia no mundo. Na escola o pároco nos ensinou que devíamos rezar pelos outros como se faz para os próprios parentes. E também acrescentava: 'Seria necessário rezar muito para aqueles que correm o risco de se perderem para a eternidade. Mas visto que só Deus sabe quem tem mais necessidade, a coisa melhor seria oferecer as orações ao Sagrado Coração de Jesus, confiantes na sua sabedoria e onisciência'. E assim eu fiz, e sempre acreditei que Deus encontra a alma certa".

DIA DO ANIVERSÁRIO E DIA DA CONVERSÃO

“Quantos anos você tem?” Perguntou Ketteler. “Trinta e três anos, Excelência”. O bispo, impressionado, interrompeu-se um instante e depois perguntou: “Quando você nasceu?” A irmã disse o dia de seu nascimento. O bispo então fez uma exclamação: tratava-se exatamente do dia de sua conversão! Ele a vira exatamente assim, à sua frente como estava naquele momento. “Você não sabe se as suas preces e os seus sacrifícios tiveram sucesso?” “Não, Excelência”. “E não gostaria de saber?”. “O bom Deus sabe quando fazemos algo de bom, isso me basta”, foi a simples resposta. O bispo estava abalado: “Então, pelo amor de Deus, continue com essa obra!”.

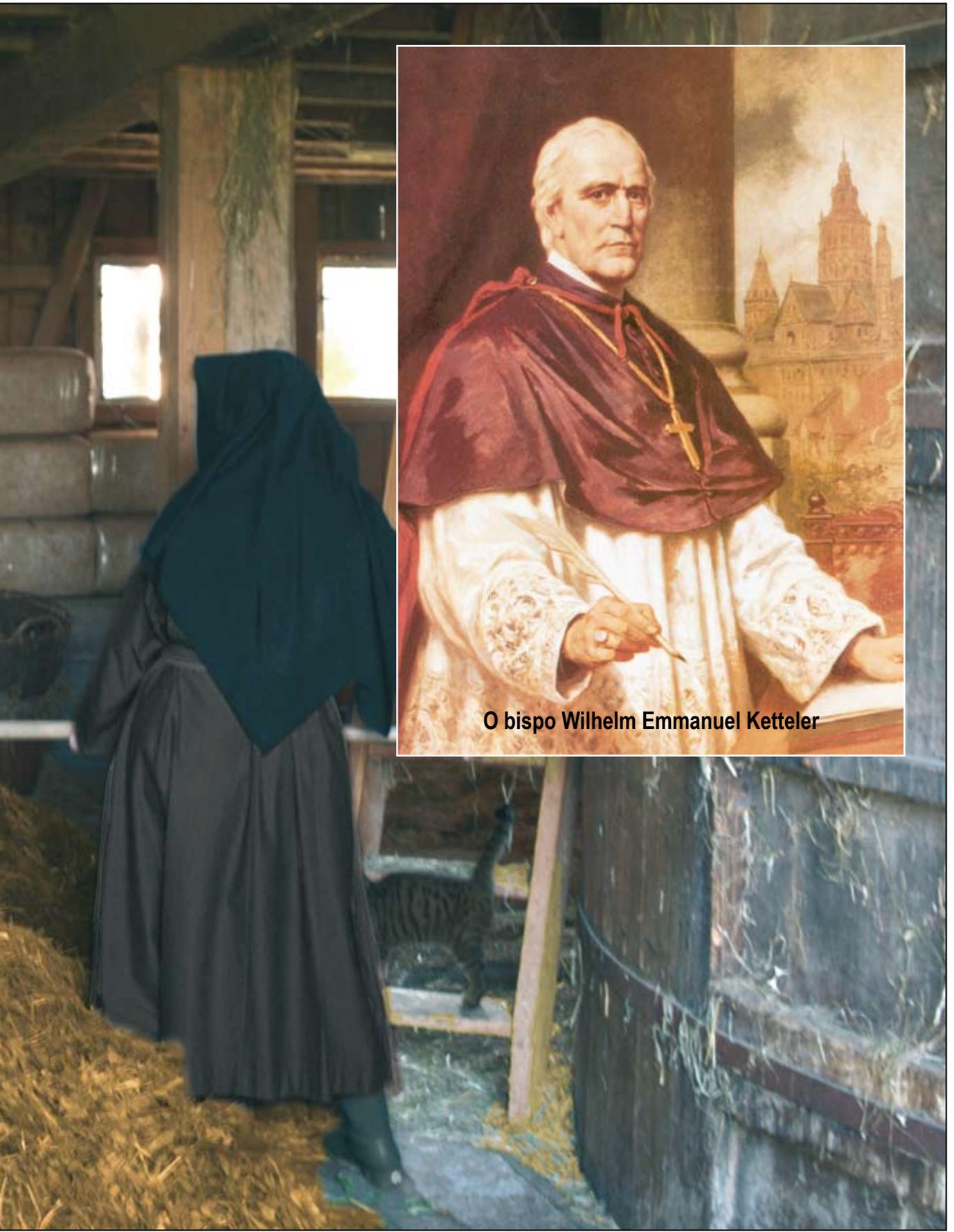
A irmã ajoelhou-se à sua frente e pediu a benção. O bispo levantou solenemente as mãos e com profunda comoção disse: “Com os meus poderes episcopais, abençôo sua alma, suas mãos e o trabalho que elas cumprem, abençôo suas orações e seus sacrifícios, seu domínio de si e sua obediência. A abençôo principalmente para sua última hora e peço a Deus que a assista com Sua consolação”. “Amém”, respondeu pacata a irmã e se afastou.

UN ENSINAMENTO PARA A VIDA INTEIRA

O bispo estava abalado em seu íntimo, aproximou-se da janela para olhar para fora, tentando reconquistar seu equilíbrio. Mais tarde despediu-se da madre superiora e voltou à casa de seu amigo e coirmão. E a ele confidenciou: “Agora encontrei aquela à qual devo minha vocação. É a última e a mais pobre conversa do convento. Não poderei nunca agradecer a Deus o bastante pela Sua misericórdia, porque aquela freira reza por mim há quase vinte anos. Deus porém já havia aceito sua prece e também tinha previsto que o dia de seu nascimento coincidissem com o dia de minha conversão; depois, Deus acolheu as orações e as boas obras daquela irmã.

Que ensinamento e que advertência para mim! Se um dia cair na tentação de orgulhar-me pelos eventuais sucessos e pelas minhas obras frente aos homens, devo sempre lembrar que tudo me vem da graça e da oração e do sacrifício de uma pobre serva que está no estábulo de um convento. E se um trabalho insignificante me parecer de pouco valor, devo refletir sobre isto: o que aquela serva faz com humilde obediência a Deus e oferece em sacrifício com domínio de si, tem um valor tão grande perante Deus que suas obras criaram um bispo para a Igreja!”.





O bispo Wilhelm Emmanuel Ketteler



SANTA TERESA DE LISIEUX

(1873-1897)

Teresa tinha somente 14 anos quando, durante uma peregrinação a Roma, compreendeu sua vocação de mãe espiritual para os sacerdotes. Na sua autobiografia escreve como, após ter conhecido na Itália muitos santos sacerdotes, tenha entendido que, apesar da sublime dignidade deles, não deixavam de ser homens fracos e frágeis. *“Se santos sacerdotes ... mostram com seu comportamento uma necessidade extrema de orações, o que dizer dos tibios?”* (A 157). Em uma de suas cartas encorajava a irmã Celina: *“Vivemos pelas almas, somos apóstolos, salvamos principalmente as almas dos sacerdotes... rezamos, sofremos para eles e, no último dia, Jesus será grato”* (LT 94).

Na vida de Teresa, doutora da Igreja, há um episódio comovente que demonstra seu zelo pelas almas e especialmente pelos missionários. Já estava muito doente e podia andar somente a custa de muito esforço, mas o médico lhe recomendara de passear meia hora cada dia no jardim. Mesmo sem acreditar na utilidade desse exercício, ela o fazia fielmente todos os dias. Uma vez uma co-irmã que a acompanhava, vendo o grande sofrimento que lhe provocava o caminhar, lhe disse: *“Mas, irmã Teresa, porque toda essa fadiga se o sofrimento é maior que o alívio?”*. E a santa respondeu: *“Sabe irmã, estou pensando que talvez exatamente nesse momento um missionário em algum país remoto sente-se muito cansado e desanimado, portanto ofereço minhas fadigas a ele”*.

Deus demonstrou ter acolhido o desejo de Teresa de oferecer sua vida pelos sacerdotes quando a madre superiora lhe confiou dois nomes de seminaristas que haviam pedido o apoio espiritual de uma carmelita. Um era o abade Maurice Bellière, que poucos dias depois da morte de Teresa recebia o hábito de “Padre Branco”, tornando-se um sacerdote missionário. O outro era P. Adolphe Roulland, que a santa acompanhou com suas preces e sacrifícios até a ordenação sacerdotal e de modo especial durante sua missão na China.

BEATO CARDEAL CLEMENS AUGUST VON GALEN

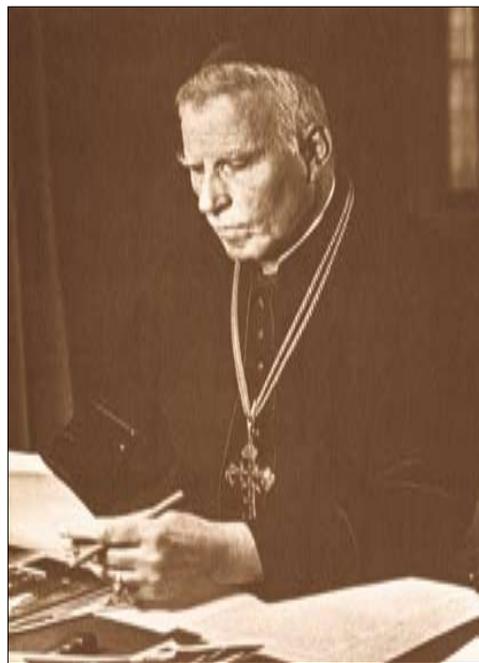
(1878-1946)

Aos 13 de setembro de 1933, com 55 anos de idade, o pároco Clemens von Galen foi nomeado bispo de Münster pelo Papa Pio XI.

Fiel a seu lema de não se deixar influenciar “nem pelo elogio, nem pelo medo”, protestou publicamente contra as medidas terroristas da

Gestapo e denunciou o Estado que havia prejudicado os direitos da Igreja e de seus fiéis. Em 1946, o Papa Pio XII nomeou cardeal o bispo de Münster pelos seus méritos e pela extraordinária coragem em professar a fé. No seu ingresso como pastor de Münster, o bispo Galen fez imprimir uma imagem com a seguinte escrita:

“Sou o décimo terceiro filho da nossa família e agradecerei eternamente minha mãe por ter tido a coragem de dizer sim a Deus também para esse décimo terceiro filho. Sem esse sim de minha mãe, hoje eu não seria sacerdote e bispo”.



SERVO DE DEUS PAPA JOÃO PAULO I (1912-1978)

“FOI MINHA MÃE QUEM ME ENSINOU”

João Paulo I começou sua última audiência geral em setembro de 1978 rezando o ato de caridade.

“Eu vos amo, meu Deus, de todo coração e sobre todas as coisas, porque sois infinitamente bom e amável, e nossa eterna felicidade. Por vosso amor, amo o meu próximo como a mim mesmo e perdôo as ofensas recebidas. Senhor, que eu te ame sempre mais”.

É uma famosíssima oração com as palavras da Bíblia. Foi minha mãe quem me ensinou. Continuo a rezá-la várias vezes por dia”.

Pronunciou essas palavras sobre sua mãe com tanta ternura que aqueles que estavam na sala de Audiências responderam com um aplauso impetuoso. Entre eles, uma jovem mulher disse com lágrimas nos olhos: *“Como é comovedor que o Papa fale de sua mãe! Agora entendo melhor quanta influência nós, mães, podemos ter sobre nossos filhos.”*

“SENHOR DOE-NOS NOVAMENTE SACERDOTES!”

Durante a perseguição comunista, Anna Stang sofreu muito e, como tantas outras mulheres em suas condições, ofereceu seus sofrimentos aos sacerdotes. Na velhice tornou-se, ela mesma, uma pessoa com espírito sacerdotal.

“FICAMOS SEM PASTORES!”

Anna nasceu em 1909 na parte alemã do Volga numa numerosa família católica. Era uma simples aluna de nove anos quando experimentou os inícios da perseguição; ela escreveu:

“... 1918, no segundo ano, no começo das aulas ainda rezávamos o Pai-nosso. Um ano mais tarde já havia sido proibido e o pároco não podia mais entrar na escola. Começavam a zombar de nós, cristãos, não respeitavam mais os sacerdotes e destruíam os seminários.”



Anna Stang (à direita) e sua amiga Vittoria.

os sacerdotes e destruíam os seminários.”

Aos onze anos Anna perdeu o pai e alguns irmãos e irmãs por causa de uma epidemia de cólera. Pouco tempo depois morreu também sua mãe e ela, com apenas dezessete anos, cuidou dos irmãos e das irmãs menores mas “...nosso pároco também morreu naquela época e muitos sacerdotes foram presos. Assim ficamos sem pastores! Isso foi um duro golpe. A Igreja na paróquia vizinha ainda estava aberta, mas ali também não havia nem um sacerdote. Os fiéis reuniam-se assim mesmo para rezar, mas sem o pastor a igreja estava abandonada. Eu chorava e não conseguia me acalmar. Quantos cantos, quantas preces a haviam enchido e agora tudo parecia morto”.

Depois dessa escola de profundo sofrimento espiritual, Anna começou a rezar de modo especial para os sacerdotes e missionários. “Senhor, doe-nos novamente um sacerdote, doe-nos a S. Comunhão! Tudo sofro de bom grado pelo Teu amor, grandíssimo Coração

de Jesus!” Anna ofereceu pelos sacerdotes todos os sofrimentos sucessivos de modo especial, mesmo quando numa noite de 1938

seu irmão e seu marido – estava felizmente casada há sete anos – foram presos e não voltaram mais.

ENTREGA DO SERVIÇO SACERDOTAL

Em 1942 a jovem viúva Anna foi deportada em Kazakistan com seus três filhos.

“Foi duro enfrentar o frio do inverno, mas depois chegou a primavera. Naquela época chorei muito, mas também rezei muitíssimo. Eu tinha a sensação que alguém estivesse segurando a minha mão. Na cidade de Syrjanowsk encontrei algumas mulheres de fé católica. Nos reuníamos às escondidas todos os domingos e dias de festa para cantar e rezar o rosário. Eu suplicava com frequência: Maria, nossa mãe querida, veja como somos pobres. Doai-nos novamente sacerdotes, mestres e pastores!”

A partir de 1965 a violência da perseguição diminuiu e Anna pôde ir uma vez por ano à capital do Kirghizistan, onde vivia um sacerdote católico em exílio.

“Quando em Biskek foi construída uma igreja, fui para lá com Vittoria, uma minha conhecida, para participar da S. Missa. A via-

gem era longa, mais de 1000 quilômetros, mas para nós foi uma grande alegria. Há mais de 20 anos não víamos um sacerdote nem um confessor! O pastor daquela cidade era idoso e passara mais de dez anos na prisão por causa da sua fé. Enquanto estava ali, foram-me confiadas as chaves da igreja, assim eu pude fazer longas horas de adoração. Nunca imaginei poder estar tão próxima do tabernáculo. Cheia de alegria ajoelhei-me e o beijei”.

Antes de viajar, Anna teve a licença de levar a S. Comunhão aos católicos mais idosos de sua cidade, que nunca poderiam ter ido pessoalmente. *“A pedido do sacerdote, na minha cidade, durante trinta anos batizei crianças e adultos, preparei os casais para o sacramento do matrimônio e oficieei enterros até quando, por motivos de saúde, não pude mais prestar esse serviço”*.

ORAÇÕES ÀS ESCONDIDAS PARA FAZER CHEGAR UM SACERDOTE!

Não é possível imaginar a gratidão de Anna quando em 1995 encontrou pela primeira vez um sacerdote missionário. Chorou de alegria e com emoção exclamou: *“Veio Jesus, o Sumo sacerdote!”*. Rezava há décadas para que chegasse um sacerdote à sua cidade, mas chegando aos 86 anos de idade tinha

perdido a esperança de ver com seus olhos a realização desse desejo profundo.

A S. Missa foi celebrada na sua casa e esta maravilhosa mulher de alma sacerdotal pôde receber a S. Comunhão: no resto do dia Anna não comeu nada, para manifestar dessa forma seu profundo respeito e sua alegria.



UMA VIDA OFERECIDA AO PAPA E A IGREJA

No verdadeiro sentido da palavra, exatamente no coração do Vaticano, à sombra da cúpula de São Pedro, encontra-se um convento consagrado à “Mater Ecclesiae”, à Mãe da Igreja. O edifício, simples, foi usado no passado para várias funções e reformado alguns anos atrás para ser adaptado às necessidades de uma ordem contemplativa. O próprio Papa João Paulo II fez com que esse convento de clausura fosse inaugurado no dia 13 de maio de 1994, dia de Nossa Senhora de Fátima; aqui as irmãs iriam consagrar sua vida para as necessidades do Santo Padre e da Igreja.

Esta tarefa é confiada a cada cinco anos a uma diferente ordem contemplativa. A primeira comunidade internacional era composta por Clarissas provenientes de seis diferentes países (Itália, Canadá, Ruanda, Filipinas, Bósnia e Nicarágua). Sucessivamente foram substituídas pelas Carmelitas, que continuaram a rezar e a oferecer a própria vida para as intenções do papa. Desde 7 de outubro de 2004, festa de Nossa Senhora do Rosário, encontram-se no mosteiro sete Irmãs Beneditinas de quatro diferentes nacionalidades. Uma irmã é filipina, uma vem dos Estados Unidos, duas são francesas e três italianas.



Encontro com o Santo Padre João Paulo II na sua biblioteca particular aos 23 de dezembro de 2004

Com essa fundação, João Paulo II mostrava à opinião pública mundial, sem palavras mas de maneira muito clara, quanto a oculta vida contemplativa seja importante e indispensável, mesmo na nossa época moderna e frenética, e quanto valor ele atribuía à oração no silêncio e ao sacrifício oculto. Se ele queria ter tão próximas as irmãs de clausura para que rezassem para ele e para seu pontificado, é porque tinha a profunda convicção de que a fecundidade de seu ministério de pastor universal e o êxito espiritual de sua imensa obra, proviessem, em primeiro lugar, da oração e dos sacrifícios de outros.

Papa Bento XVI também tem a mesma profunda convicção. Duas vezes foi celebrar a S.

Missa junto às “suas irmãs”, agradecendo-as pela oferta de suas vidas por ele.

As palavras que ele dirigiu no dia 15 de setembro 2007 às Clarissas de Castel Gandolfo, também valem para as irmãs de clausura do Vaticano: *“Eis então, queridas Irmãs, o que o Papa espera de vós: que sejais chamadas ardentes de amor; “mãos postas” que vigiam em oração incessante, totalmente separadas do mundo, para apoiar o ministério daquele que Jesus chamou para guiar a sua Igreja”*.

A Providência dispôs realmente bem que, sob o pontificado de um papa que tanto aprecia São Bento, possam estar ao seu lado, de uma maneira verdadeiramente especial, as Irmãs Beneditinas.

UMA VIDA MARIANA QUOTIDIANA

Não é por acaso que o Santo Padre escolheu ordens femininas para essa tarefa. Na história da Igreja, seguindo o exemplo da Mãe de Deus, sempre foram as mulheres a acompanhar e apoiar, com orações e sacrifícios, o caminho dos apóstolos e dos sacerdotes nas suas

atividades missionárias. Por isso, as ordens contemplativas consideram como próprio carisma “a imitação e a contemplação de Maria”. Madre M. Sofia Cicchetti, atual priora do mosteiro, define a vida de sua comunidade como uma vida mariana quotidiana: *“Nada*



Madre M. Sofia Cicchetti oferece ao Santo Padre um jogo para a S. Missa bordado a mão pelas irmãs.

é extraordinário aqui. A nossa vida contemplativa e claustral pode ser compreendida somente à luz da fé e do amor de Deus. Nesta nossa sociedade consumista, hedonista, parece quase ter desaparecido tanto o sentido da beleza e do estupor perante as grandes obras que Deus cumpre no mundo e na vida de cada homem e mulher; quanto a adoração pelo mistério de Sua amorosa presença junto a nós. No contexto do mundo de hoje a nossa vida afastada do mundo, mas não indiferente a ele, poderia parecer absurda e inútil. No entanto, podemos testemunhar com alegria que não é uma perda doar o tempo só para Deus. Lembra a todos profeticamente uma verdade fundamental: a humanidade, para ser autenticamente e plenamente si mesma, deve ancorar-se em Deus e viver no tempo o respiro do amor de Deus. Queremos ser como tantas “Moisés” que, com os braços erguidos e o coração dilatado por um amor universal mas concretíssimo, intercedem para o bem e a salvação do mundo, tornando-se, dessa forma, “colaboradores no mistério da redenção” (cfr Verbi Sponsa,3).

Nossa tarefa se funda, mais que no “fazer”, no “ser” nova humanidade. À luz de tudo isso podemos bem dizer que nossa vida é vida cheia de sentido, não é absolutamente perda e desperdício dela, nem recusa ou fuga do mundo, mas alegre doação ao Deus-Amor e a todos os irmãos sem exclusão, e aqui no “Mater Ecclesiae” em particular para o Papa e seus colaboradores”.

Irmã Chiara-Cristiana, madre superiora das Clarissas da primeira comunidade no centro do Vaticano, contou: *“Quando cheguei aqui encontrei a vocação na minha vocação: dar a vida pelo Santo Padre como Clarissa. Assim foi para todas as outras co-irmãs”.* Madre M. Sofia confirma: *“Nós, como Benedictinas, somos profundamente ligadas à Igreja universal, e sentimos portanto um grande amor pelo Papa, onde quer que estejamos. Certamente, ser chamadas tão próximas a ele – inclusive fisicamente – neste mosteiro “original”, aprofundou o amor por ele. Procuramos transmiti-lo também aos nossos mosteiros de origem. Nós sabemos que somos chamadas a sermos mães espirituais na nossa vida oculta e no silêncio. Entre os nossos filhos espirituais ocupam um lugar privilegiado os sacerdotes e os seminaristas, e todos os que se dirigem a nós pedindo apoio para suas vidas e seu ministério sacerdotal, nas provas ou desesperos do caminho. A nossa vida quer ser “testemunho da fecundidade apostólica da vida contemplativa, em imitação de Maria Santíssima, que no mistério da Igreja apresenta-se de maneira eminentemente singular como virgem e mãe” (cfr LG 63).*





